

Idéia e Progresso em Hegel - Álgebra da Revolução Russa

Cristiana Maria Cardachevski (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Paulo Eduardo Arantes

PROPOSTA DE TRABALHO

Relato coloquial sobre os interesses e motivos que levaram à escolha do tema
(para os colegas de Iniciação Científica)

Prefácio

Na realidade, enfrento dificuldades no tocante à circunscrição do assunto e mesmo à decisão quanto ao autor. Sendo então, o primeiro texto, apenas uma tentativa, uma "lição de casa" desorganizada.

Fazendo aqui, a justificação da escolha do "alvo" da "virtual" pesquisa, que a médio prazo visa favorecer a relação ou aproximação de meus maiores interesses: a noção de Estado em Hegel e os fundamentos do socialismo russo, em Aleksandr Herzen. De modo tal, que seja viável entre outras coisas, defender a noção de Estado de leituras "equivocadas", que o tenham entendido ou considerado como uma "associação política" constituinte da essência da concepção burguesa e liberal do Estado.

Por outro lado, Aleksandr Herzen, escolhido pelo papel preponderante na formação do socialismo russo, e também por ter sido um intelectual de formação hegeliana. Pois sei que é relevante para os estudiosos, tentar abrir maiores espaços ou até mesmo para ulteriormente instaurarem-se debates com os interessados interlocutores. Há tempos, inclinava-me particularmente para a situação sócio-política russa do século XIX. Isso certamente me impeliu a buscar respostas para as questões lançadas e fomentadas pelo círculo intelectual russo. Espero poder tomá-las posteriormente emprestadas para aguçar ainda mais os olhares curiosos. Tentando perscrutar a realidade russa, ou seja, dimensionar sua identidade cultural que começou nitidamente a se realizar a partir de oposições entre a utopia anti-capitalista populista e que acabou por evoluir ideologicamente, para uma conjunção entre eslavófilos, ocidentalistas e populistas. Cujas conjunção é da responsabilidade, entre outros, de Herzen.

Creio ser pertinente dizer aqui, que o que me preocupa entre outras coisas, é o perigo de uma interpretação histórica determinista. O que abre possibilidade para uma aproximação com a abordagem filosófica da história de Herzen. Por enquanto, encerro os motivos que me encaminham para a busca de disciplina em meus estudos, por intermédio da obra hegeliana: A Razão na História. Na qual, Hegel denomina seu projeto historiográfico, como sendo uma História Universal Filosófica, o terceiro modo de historiografia, após ter-nos apresentado: o primitivo e o reflexivo. Justificando o ponto de vista de sua historiografia, como não sendo abstratamente geral, mas concreta e absolutamente atual. Onde diz ser a Idéia o guia dos povos e

do mundo e o Espírito a sua vontade racional e necessária, para a qual não há passado e o qual dirigiu e dirige os acontecimentos do mundo.

Idéia e Progresso em Hegel: Álgebra da Revolução Russa

I

Neste trabalho pretende-se, inicialmente, seguir o desenlace do espírito ao movimentar-se na história e a transição do espírito de um povo para outro, na A Razão na História. Ou seja, perceber como ocorre a noção de *progresso* a partir do pensamento que se suprime, a si mesmo, na atividade espontânea da autoconsciência, libertando o espírito da determinação: "pensamento é o universal, o gênero que não morre, que permanece igual a si mesmo"¹ Através do pensamento, o espírito ganha a sua essência, o que se dá pelo abolir da realidade, ou seja, a consistência do que ele próprio é. A supressão é enquanto atividade do pensamento, ao mesmo tempo, conservação e transfiguração e este pensamento é auto-consciência; "pensar" que se torna consciente de que "a razão descansa em si e tem em si própria o seu fim; apronta-se a si para a existência e a si própria se realiza"² - razão que demonstrada é o próprio tratado da história universal.

Ressaltar que o curso e movimento do espírito não é uma auto-repetição, "salienciar que a história nos ensina que aquilo que nos pode parecer trivial nem sempre existiu no mundo"³ é a alteração da determinidade substancial do mesmo, isto é, o espírito é essencialmente resultado de sua atividade ir além da imediatidade negar o imediato e retornar a si. Esta alteração, movimento, através da reflexão, de ir além do imediato, leva a uma separação entre o espírito subjetivo e o universal, então, cisão; sendo o espírito, uno, o próprio resultado do movimento (a cisão traz em si a união imprescindível).

A cisão é elemento superior, fruto da consciência e requer a oposição para que a verdade que ainda não entrou na consciência resultante, possa ser acolhida. No retraimento do espírito em si, sobressai o pensar como realidade especial e surgem as ciências, pelo que, as ciências e a ruína, a decadência de um povo, vão sempre par a par, segundo Hegel.

Portanto, é decorrência desta pesquisa, tentar relacionar o surgimento da separação entre o espírito subjetivo e o universal (que é nitidamente num povo o recuamento de indivíduos para si mesmos a atenderem suas paixões e fins, considerada como morte natural do espírito de um povo e anulação política) com a Idéia hegeliana que segundo Herzen, "é a álgebra da revolução"⁴ O resultado deste processo pode ser chamado PROGRESSO? "Transfundir-se do espírito num outro princípio e claro está, *superior*" Pois o espírito ao objetivar-se e ao pensar o seu ser, destrói, por um lado, a determinação de seu ser, por outro, apreende o seu universal e, deste modo, confere ao seu princípio uma nova determinação. Alterando-se assim a determinidade substancial deste espírito do povo. Ainda que para Herzen, posteriormente, o momento dialético, que deve seguir a conquista da verdade abstrata, seja o retorno a "realidade" e "ação" no mundo do ser. Também o historicismo não constitui um fim

em si mesmo, mas uma etapa para consolidar o objetivo nele inevitável – liberdade.

Liberdade para Hegel pode ser dita como a substância do espírito e o seu fim no processo histórico, citando p. 60: "aduz-se deste modo: é a liberdade do sujeito; que ele tenha a sua consciência moral e a sua moralidade, que se proponha fins universais e os faça vigorar; que o sujeito tenha um valor infinito e chegue também à consciência deste extremo. A substancialidade do fim do espírito universal alcança-se através da liberdade de cada um. Os espíritos dos povos são os membros do processo em que o Espírito chega ao livre conhecimento de si mesmo" Logo, ela é o único fim do espírito, é em si mesma o que encerra a necessidade infinita por se alcançar a consciência de si por si; sendo assim o chegar a realidade efetiva, um saber de si, a realidade é para si mesma o fim que realiza.

//

Tangendo o material colhido sobre Herzen através de comentadores como: Martin Malia, in Alle origini del Socialismo Russo e Andrzej Walicki, Una Utopia Conservatrice: Storia degli Slavofili, e da obra Passato e Pensieri, do próprio Aleksandr, pode-se falar que para o mesmo: o historicismo e o organicismo são imagens de um universo sujeito a um constante processo de ampliação e de evolução e que ele continuou a usar como recurso, a "generalização" histórico-filosófica, para justificar suas esperanças políticas. Encontra-se em suas obras, um certo hábito inclinado a racionalizações metafísicas, ou seja, uma tendência a apoiar-se na utopia, com respeito ao Absoluto Ideal hegeliano. Sua visão socialista também é impregnada do antigo idealismo, onde o Estado é uma volta em comunhão com a Idéia, o que dá absoluta auto-consciência à liberdade e ensina a divindade ao homem.

Em Hegel, citando p. 58: "A autoconsciência é um conceito filosófico que somente numa exposição filosófica pode obter sua plena determinidade. Estabelecido isto assim, o segundo aspecto a considerar é que a consciência de um povo determinado é a consciência de sua essência. O espírito é, antes de mais, o seu próprio objeto; enquanto para nós o é, mas ainda sem a si mesmo se conhecer, não é por enquanto o seu objeto segundo o seu verdadeiro modo. O objetivo é, porém, tornar-se consciente de que ele só insta a conhecer-se a si mesmo, tal como é em si e para si mesmo, consiste em ele se manifestar a si mesmo na sua verdade – o objetivo é que ele suscite um mundo espiritual, conforme ao conceito de si mesmo, que cumpra e realize a sua verdade, que produza a religião e o Estado de um modo tal que sejam conformes ao seu conceito, que sejam seus na verdade ou na idéia de si mesmo – a Idéia é a realidade, que é apenas o espelho, a expressão do conceito"

Retornando para a filosofia da história de Herzen, o seu significado, parece ter resultado melhor de seu ataque contra o grupo dos hegelianos de direita. Sendo a noção de ciência o ponto de abordagem diferente entre Herzen e hegelianos. Há que se fazer uma ressalva sobre o conceito de verdade no sistema hegeliano para considerações divergentes durante o decorrer de meus estudos (sobre a Fenomenologia do Espírito in A Contingência em Hegel – Jean Marie Lardic): A Verdade é o seu próprio movimento em si mesma, ou seja, a dialética. Onde, a particularidade desta reside na importância concedida à negatividade. É em seu interior que o princípio

deve conter em si sua própria negação. Ou seja, que não se trata de falar de uma alteridade exterior ao princípio que deveria fundá-la. Não se devendo pois acreditar que a negação seria apenas o fato de um espírito que se expressa de maneira exterior sobre alguma coisa estranha. A verdade filosófica deve, então, se caracterizar como a manifestação da própria realidade que o discurso tem por objeto. A verdade é, pois, bem diferente de uma correspondência entre a razão e o real, ela deve ser a própria verdade do real. Portanto, a manifestação que ele próprio é. E se a razão pode apreendê-lo, é porque as determinações racionais são as da realidade. A negação que toda determinação inclui só pode, portanto, ser o fato do processo real. Logo, a verdade só é, aliás, possível com a condição de que o discurso seja sempre já o do saber e do ser, e não de um saber que tem que juntar-se ao ser não sabendo bem como. Donde, não se tratar de na dialética deduzir o real, mas unicamente de deduzir os conceitos, pois o ser é o próprio ser do Conceito.

Então os hegelianos de direita aderiram à filosofia dialética, mas, ao passo que aceitavam/compreendiam o passado como um constante processo evolutivo, desejando pois reconhecer/reivindicar para o presente uma análoga lei de mudança. Ainda mais grave era que eles aceitavam uma filosofia que proclamava a unidade da idéia e da realidade, do pensamento e da ação, mas se comportavam como se a filosofia pura fosse tudo que se retirava daqui, pela contemplação da verdade na e pela mesma. Haviam intuído justamente da reconciliação, a ciência, mas não haviam aferido que de acordo com a questão era o *reino do ser* pelo qual a filosofia é organicamente una. Eles não se rendiam ao fato de que a razão abstrata não era outra que aquilo que fundamentava a realidade e que para a filosofia havia um significado somente que se via considerado em termos desta realidade. A *ciência* acredita no mundo da lógica, que esta é a sua vocação. Mas o homem é destinado a qualquer coisa a mais que a lógica; é destinado antes ao mundo histórico-social, o mundo da liberdade moral e da ação positiva; ele possui não somente a faculdade libertadora do *saber*, mas antes a *vontade*. O homem não pode refutar-se de participar junto à humanidade que se reúne ao seu redor; deve agir no seu lugar e tempo e nesta questão consiste a sua vocação universal.

III

Entre os ocidentalistas dos anos quarenta, Herzen parece ser o único a lutar contra a "história-odisséia" hegeliana, sancionando a redução do homem à vítima do "espírito do mundo" -*weltgeist* -. dava ao hegelianismo uma interpretação ativista, voluntarista e personificada, mas estava frente a um irrefutável progresso histórico, na racionalidade do mesmo e intenso como totalidade.

Herzen acabou por chegar a conclusão que na história não há fim, mas eterna improvisação, que o lugar pelo qual vive toda geração é sempre o mesmo, que a lei da história infinita não corresponde àquela da razão, mas nessa, prende-se a parte ativa ao caso de uma vontade imprescrutável. Por isso, "a subordinação do indivíduo à sociedade, à nação, à humanidade, a uma idéia, não significa outra coisa, em última análise, que fazer do homem a sua vítima. Na história não há nenhum senso, essa como sempre, é algo ao mesmo tempo "meio e fim, causa e efeito" e se deve

guardar fim ao limite extremo, pode ser desde o lugar de onde se vive à morte"⁵

Seguindo a concepção do historicismo de Herzen: a história não tem fronteiras, nem um itinerário delimitado e o puro acaso pode fazê-la interrompida: "a extinção do gênero humano inteiro não é qualquer coisa mais absurda que a morte de um somente indivíduo"⁶. Se a história não é racional, isto não significa que não haja domínio de um determinismo de causa e efeito. Qualquer caminho é, evidentemente, necessário. Mas necessidade não equivale à racionalidade, ao contrário, mais a essa irracionalidade. A história é o terreno da ação natural, necessária em senso causal, mas longe da essência disposta em uma ordem teleológica.

Lendo a **Fenomenologia do Espírito** estava fixada uma experiência cultural, mas antes mesmo, uma moral e política. Mais tarde Herzen escreveu em **Passado e Pensamento**: "A filosofia de Hegel é a álgebra da revolução, essa libera de modo extraordinário o homem e destrói completamente o mundo cristão e o mundo da tradição" O efeito dessa descoberta foi enorme e mesmo muito tempo depois, quando Herzen não era mais um hegeliano ortodoxo, afirmava: "Quem não tiver lido a **Fenomenologia do Espírito**, de Hegel, e **O sistema das Contradições Econômicas**, de Proudhon, (...) não é um homem (...) contemporâneo"⁷

Na Rússia, o hegelianismo assumiu a forma de um 'realismo' em razão de um idealismo extremamente abstrato. Desta assertiva da realidade ao cristianismo, o passo era breve, e Herzen, interpretando Hegel com audácia, foi o primeiro da sua geração a compeli-lo. Herzen publicou quatro artigos em forma de um pequeno livro **Anais da Pátria**, um dos textos, "**O Diletantismo na Ciência**", representado como passo avante na obra de Herzen. Insinuando o novo estilo do autor e sua posição diferente também. Com a carta sobre o estudo da natureza, esta foi considerada a mais significativa obra do hegelianismo russo dos anos quarenta frente à Bielinski e Bakunin, segundo comentadores.

Parece um erro considerar a sua fase hegeliana exclusivamente como fase de obras filosóficas. Pois a filosofia não era para Herzen um fim, mas um meio para falar de política. Grande parte do **Diletantismo na Ciência** se compõe de similar síntese da concepção idealista do mundo e a mesma resguarda o hegelianismo de Herzen e mais uma exasperação de sua posição precedente. Embora no esquema originário se fizessem novas intuições que não alteravam muito o significado, o idealismo se transformou, ao seu modo, de uma filosofia da renúncia à uma filosofia da ação, e por último, proclamando a filosofia mesma como constitutiva da vida, vem na fase final do idealismo russo. A transformação é ocorrida de dentro como uma hábil utilização da mesma categoria do idealismo. O primeiro sintoma consiste em uma nova percepção da razão; intuída da pós-kantiana; entre a auto-consciência do *Absoluto* e a *liberdade humana*. Até Herzen reconduz este conceito, mas hegelianamente, põe acento de maneira árdua sobre a condução, contra a ilusão implícita no conceito que acessa a humanidade, ao lado da *compreensão*. Para Herzen, a "*ciência*", era a libertação, esta para Hegel pertinente em senso puramente interior e para o pensador russo, essa assumiria a premissa de "*ação*"

Para o mesmo, a libertação da mente é o primeiro passo ao lado da libertação do homem e a iluminação é uma atividade política radical inseparável da liberdade. Alguns crêem na ruptura dele quanto ao determinismo histórico da metafísica alemã

e enfaticamente o refutar total da autoridade externa ao indivíduo. Por dificilmente poder ele ser enquadrado no esquema metafísico da história, até no hegeliano. Afinal, neste vêem-se almejar objetivos independentes da vontade humana. (Mas Herzen, mesmo quando hegeliano, já havia se colocado de modo diferenciado/contraditório: o historicismo como já foi citado "não constitui mais um fim em si mesmo, mas uma etapa para estabelecer o objetivo nele inevitável da liberdade"⁸).

Como toda categoria do idealismo, para ele a dialética era em parte deliberada ilusão, presa a consciência de qualquer coisa real; a frustração poderia provocar uma explosão de energia e esta energia ao fim, levar à produção de movimento. A dialética é a transferência na esfera metafísica de dois sentimentos em conflito, o reconhecimento pelo intelecto, da própria impotência de mudar a sociedade e a sua contemporânea confiança na capacidade dinâmica da insatisfação originada pela própria impotência. Com isso, Herzen reportou-se ao conceito de "*ciência*" como "reconciliação", ambos na metafísica. Tecnicamente falando, "reconciliação" representa a síntese dialética e significa até liberação da contradição presente e integração harmoniosa do indivíduo no mundo racional depois de um longo período de alienação da vida.

IV

Herzen, porém, perseguiu como objetivo toda forma de crédito numa idéia transcendente e sua insistência sobre a unidade do ser e da consciência era para ele um modo de afirmar o caráter imanente na totalidade do universo e a possibilidade da questão do ser completamente penetrado pela razão humana. Este realismo acabava rendendo-lhe mais concreto o historicismo da dialética: o valor e a instituição não eram relativos somente às diversas situações históricas, mas eram até produto natural de certa situação, e não encontravam origem em Deus ou em princípio eterno exterior ao homem, e à religião revelava que o absoluto filosófico não era o que produzia a necessidade terrena do homem. A única realidade era a vida da natureza e a unidade dialética da consciência humana com essa; acreditar em qualquer outra coisa seria mitologia ou sobrevivência de um passado pré-científico.

Logo, Herzen era fiel quanto ao que Hegel havia afirmado sobre o universo como completamente racional e imanente, e infiel quanto ao mesmo, que considerava até ele, o cristianismo como manifestação simbólica do *Absoluto*, isto é, Deus. Herzen acreditava na imputação do elemento transcendente à libertação atuada pela "*ciência*"

Ou seja, a questão aqui aberta para a pesquisa que se sucederá, consiste em aproximar Hegel e os conceitos de Idéia e Progresso em Herzen, que atribui aos mesmos o relevo de elementos algébricos da revolução. Ainda que para obtermos a devida resposta, tenhamos que distinguir mais, em que aspectos Herzen discrimina a noção de "reconciliação" no senso hegeliano, bem como inventariar o sentido de "*ciência*" como ponto de viragem, a concepção historicista de Herzen e de Hegel e a noção de Estado.

Voltando à noção e questão acerca do conceito hegeliano de Estado (nas páginas 76, 77, 79 e 95) que guiará parte da pesquisa mais adiante: Como poder-se-ia considerá-lo em seu berço-burguês, se sua definição era por si só organicista, onde o mesmo é considerado como fim em si mesmo e jamais como instrumento do qual os indivíduos podem e devem dispor para a obtenção dos próprios fins? Para terminar: "No Estado a liberdade torna-se objectal e realiza-se de modo positivo. No entanto, tal não deve entender-se como se a vontade subjetiva do indivíduo chegasse à sua realização e à sua fruição através da vontade geral, e esta fosse para ela um meio"⁹.

Bibliografia

- CARR, E. H. *Los Exilados Romanticos: Bakunin, Herzen e Ogarev*. Barcelona, Ed. Anagrama, 1968.
- HEGEL, G. W. F. *A Razão na História: Introdução à Filosofia da História Universal*. Trad. Lisboa, Edições 70.
- _____, "A Fenomenologia do Espírito" in: *Os Pensadores*, 1981.
- HERZEN, A. *My Past & Thoughts*. London, Los Angeles e Berkeley, California Press, 1973.
- _____, *Essais Critiques*. URSS, Edition du Progrés, 1977.
- _____, *Passato e Pensieri*. Turin, Einaudi e Mondadori Editore, 1970.
- MARIA, M. *Alle Origini del Socialismo Russo*. Trad. Harvard, Harvard-Cambridge, 1961.
- WALIKI, A. *Una Utopia Conservatrice: Storia degli Slavofili*. Einaudi Editore.

NOTAS

1. G. W. F Hegel, *A Razão na História: Introdução da Filosofia da História Universal*. Trad. Lisboa, Ed. 70, p. 65.
2. G. W. F Hegel, op. cit., p. 32.
3. G. W. F Hegel, op. cit., p. 38.
4. Aleksandr Herzen, *My Past & Thoughts*. London, L. Angeles e Berkeley, California Press, 1973
5. WALIKI, Andrzej, *Una Utopia Conservatrice: Storia degli Slavofili*, Einaudi Editore
6. WALIKI, Andrzej, op. cit.
7. MARIA, Martin, *Alle Origini del Socialismo Russo*, Trad. Harvard, Harvard Cambridge, 1961.
8. HERZEN, A., *Essais Critiques*. URSS, Edition du Progrés, 1977
9. G. W. F. Hegel, op. cit., p. 97